

Algo grande e que seja amor (3): O nosso verdadeiro nome

Somos o que somos, nem mais
nem menos, e esse modo de ser
torna-nos idóneos para seguir o
Senhor e servi-l'O na Igreja.
Este texto aprofunda sobre o
chamamento de Deus a cada
pessoa.

01/02/2019

Faça o download do livro **“Algo
grande e que seja amor”**

O primeiro livro da Bíblia começa por apresentar Deus Criador, que faz surgir as coisas do nada pela Sua palavra: «Faça-se a luz (...). Haja um firmamento (...). Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies »(Gn 1,1-25). Quando chega o momento de chamar à existência o ser humano, no entanto, algo de diferente acontece. Deus não o cria "de acordo com sua espécie", ou de acordo com o que é, mas dá-lhe um nome: chama-o *pessoalmente* à existência; fala-lhe de tu a tu.

Se, a partir desse momento preciso da história da criação, nos voltarmos para o último livro da Bíblia, encontramos algo surpreendente: esse nome, que Deus nos dá ao criar-nos, havemos de o receber novamente no final da nossa

história. "Ao que sair vencedor", promete o Senhor no Apocalipse: ", dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe."(Ap 2:17). Recebemos, pois, um nome ao nascer, mas ser-nos-á dado novamente no final de nossa vida na Terra. Como entender isso? Encontramo-nos perante o mistério da vocação; um mistério pessoal que se desdobra à medida que avançamos no nosso caminho para a vida verdadeira.

Seres livres e inacabados

Uma rosa, um carvalho, um cavalo não devem tomar qualquer decisão para chegarem a ser o que são: simplesmente existem. Crescem, desenvolvem-se e finalmente desaparecem. Com a pessoa humana,

no entanto, não acontece a mesma coisa.

À medida que crescemos, e particularmente durante a adolescência, percebemos que não podemos ser "mais um". Por alguma razão, achamos que devemos ser alguém único, com nome e apelido, diferente, irrepetível. Percebemos que estamos no mundo para algo e que com a nossa vida podemos tornar este mundo um lugar melhor. Não nos basta sabermos o que somos, ou como são as coisas, mas somos levados a sonhar quem queremos ser e como queremos que seja o mundo em que vivemos.

Alguns veem isso como uma ingenuidade, uma falta de realismo que, mais cedo ou mais tarde, deve ser superada. No entanto, essa tendência a sonhar realmente pertence ao mais alto que possuímos. Para um cristão, o desejo de ser

alguém, com nome e apelido, mostra o modo como Deus quis criar-nos: como um ser único. E a esse desígnio amoroso responde a nossa capacidade de sonhar. Ele fez o mundo e deixou-o nas mãos do ser humano, "para o cultivar e, também, para o guardar" (*Gn 2,15*). Quis contar com o nosso trabalho para guardar este mundo e fazê-lo brilhar com toda a sua beleza, para que o amássemos "apaixonadamente", como dizia S. Josemaria [1].

E Deus faz o mesmo ao presentear-nos com o dom da vida: convida-nos a desenvolver a nossa personalidade, deixando-a nas nossas mãos. Para isso, espera que ponhamos em jogo a nossa liberdade, a nossa iniciativa, todas as nossas capacidades. «Deus quer algo de ti, Deus está à tua espera», disse aos jovens e a todos, o Papa Francisco. «Convida-te a sonhar, quer fazer-te ver que, contigo, o mundo pode ser diferente.

É assim: se não deres o melhor de ti mesmo, o mundo não será diverso. É um desafio» [2].

Chama-te pelo teu nome

Simão tinha acompanhado o seu irmão André a ouvir o Batista. Foi uma viagem longa, da Galileia à Judeia, mas a ocasião merecia-o. Algo de grande devia estar prestes a acontecer, porque havia já vários séculos que Deus não enviava um profeta ao seu povo... e João parecia realmente um deles. Durante a sua estada nas margens do Jordão, André encontrou Jesus e passou toda a tarde a conversar com Ele. Quando regressa com o seu irmão Simão, diz-lhe: Encontrámos o Messias!». E imediatamente "levou-o até Jesus" (Jo 1,41-42). Quem sabe o que Simão iria pensando pelo caminho? Seria possível que o Messias, o enviado de Deus, tivesse chegado? Seria possível que o mundo em que viviam

mudasse, como as Escrituras anunciaram? Quando chegou junto do Mestre, "Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas» - que significa Pedra.» (Jo 1,42). Antes de mudar o mundo, teve que mudar a sua vida.

Tal como aparece nos Evangelhos, a vida de Simão Pedro é uma descoberta contínua da verdadeira identidade de Jesus e da missão que lhe confia. Pouco depois de voltar à Galileia, depois daqueles dias com o Batista, Jesus aparece junto ao seu barco e pede que o lance à água para pregar a partir daí. Pedro deve ter concordado um pouco relutantemente, porque acabara de passar a noite lutando, e não tinham pescado nada. Depois de falar ao povo, Jesus faz um novo pedido: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.» (Lc 5,4). Parece uma loucura: tinham estado a tentar

pescar durante horas, sem sucesso... e todos sabem que em plena luz do dia os peixes não entram na rede ... No entanto, Pedro obedece e vê que as suas redes se enchem de peixes! Quem é aquele homem que subiu no seu barco? "Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.»"(Lc 5, 8). Mas o Mestre respondeu: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.»(Lc 5,10).

Quem é Simão? Um pescador da Galileia? Todos os seus antepassados o tinham sido. Ele trabalhava nesse ramo havia anos e achava que era um pescador que conhecia o seu trabalho perfeitamente. Mas Jesus lança uma luz inesperada na sua vida. A proximidade com o Senhor levou-o a perceber quem ele realmente é: um pecador. Mas um pecador em quem Deus se fixou e com quem quer contar. Diante deste

chamamento divino, Pedro e seu irmão, "depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus." (Lc 5,11). Bento XVI considerou como "Pedro ainda não podia imaginar que um dia teria chegado a Roma e seria nessa cidade "pescador de homens" para o Senhor. Ele aceita esta chamada surpreendente, de se deixar envolver nesta grande aventura: é generoso, reconhece os seus limites, mas crê n'Aquele que o chama e segue o sonho do seu coração. Diz sim; um sim corajoso e generoso e torna-se discípulo de Jesus.»[3]

O tesouro escondido

A missão que Jesus nos propõe pode mudar a nossa vida: enchê-la de luz. Portanto, a ideia de que Deus me pode estar a chamar é muito atraente. Mas há, ao mesmo tempo, algo que nos perturba profundamente: parece-nos que, se

existe tal chamamento, se Deus conta connosco, perdemos a nossa liberdade. Já não poderemos escolher outro caminho! Só poderá ser o que Ele quiser!

Considerar a trajetória de Pedro pode ajudar-nos. Quando decidiu deixar o que tinha para seguir a Jesus, perdeu a sua liberdade? Não foi essa a decisão mais livre e libertadora da sua vida? Às vezes, parece-nos que liberdade significa, antes de mais nada, ser capaz de escolher, sem que nada nos determine. No entanto, reduzida a esse horizonte, a liberdade limita-se a eleições pontuais, que mal chegam para iluminar alguns momentos: escolher se quero comer hambúrguer ou frango, se quero jogar futebol ou basquete, se quero ouvir esta música ou aquela.

Existem, no entanto, outros tipos de escolhas que podem lançar uma

nova luz sobre a nossa vida; torná-la mais alegre, mais livre: são momentos em que pomos a vida em jogo por inteiro; decidimos quem queremos ser. A liberdade mostra-se aí na sua verdadeira amplitude, na sua capacidade de libertar. Já não estamos diante de decisões pontuais, mas perante decisões existenciais. Como quando alguém decide casar com uma pessoa, que considera o maior tesouro do mundo. Ou, de modo semelhante, quando um jovem decide ser médico, sabendo que isso exigirá uma série de esforços e sacrifícios nada pequenos. Entregasse a uma pessoa ou abraça-se uma missão, renunciando a tudo o resto. Naturalmente, isso condicionará as suas futuras escolhas; no entanto, não se vê este passo como uma renúncia, mas como uma aposta num amor ou num projeto que irá preencher a sua vida. E assim, com o tempo, o seu nome não é mais o mesmo que ele teve desde o batismo:

agora ele também é "o marido ou a mulher de ...", ou "o Dr. ...". O seu nome, a sua identidade, toma forma; a sua vida está a ganhar um sentido, uma direção.

Jesus apresenta-se diante de nós precisamente com uma escolha deste tipo. Ele criou-nos com alguns dons, com qualidades que nos fazem ser de uma maneira ou de outra. Mais tarde, ao longo da nossa vida, descobrimos um tesouro, uma missão que está como que oculta no nosso interior. «O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.» (*Mt* 13,44). Na verdade, o tesouro é Ele mesmo - o Seu amor incondicional; e a missão é a mesma que Ele recebeu do Pai. Se o descobri, já não preciso de continuar à procura. Posso abraçá-l'O com toda a minha vida e

deixar que Ele dê forma a toda a minha existência. Como Pedro, apóstolo, Pedra sobre a qual a Igreja é fundada; como Paulo, Apóstolo das nações; como Maria, a escrava do Senhor, a Mãe do Salvador.

Abraçar essa tarefa - que é, na realidade, abraçar Jesus e segui-l'O - leva-nos a deixar tudo o resto. Porque nada nos pode libertar tanto como a verdade sobre nós mesmos: *veritas liberabit vos* (Jo 8,32). Assim, como São Paulo, poderemos afirmar: "Mas, tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considereei perda por causa de Cristo. Sim, considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo"(Fp 3: 7-9).

Talvez nos desconcerte um pouco descobrir essa proximidade de Jesus;

que queira contar connosco. Ao mesmo tempo, quando paramos a pensar nisso, vemos que o que nos pede se encaixa perfeitamente com quem somos, com as nossas qualidades e com o que vivemos... Parece que nascemos *para isso*. O *novo* nome é então apresentado como algo que já estava lá, desde a criação do mundo... Deus fez-nos para isso. E, no entanto, talvez nos pareça demasiado. «Este tesouro, esta missão... para mim? Deus realmente fixou-se *em mim*?

Pôr em jogo todos os meus dons e qualidades

Deus não nos chama apenas num momento da nossa vida: faz isso constantemente. Da mesma forma, a nossa resposta se estende por toda a nossa existência, ao ritmo das chamadas a amar cada dia de maneira renovada. «Desde que Lhe disseste "sim", o tempo vai mudando

a cor do horizonte: cada dia mais belo, cada vez mais amplo e luminoso! Mas tens de continuar a dizer "sim".»[5].

São Pedro disse "sim" ao Senhor muitas vezes. Como naquela ocasião, em que todos os que seguiram o Mestre se foram embora escandalizados quando o ouviram falar do Pão da Vida (cf. *Jo* 6, 60-71), ou como quando Jesus insistiu em lavar os pés, embora lhe parecesse absurdo (cf. *Jo* 13,6-10). Pedro permaneceu com Jesus, confessando mais uma vez a sua fé. Contudo, o apóstolo não havia entendido completamente a lógica do Senhor. Ele ainda estava a sonhar com uma gloriosa manifestação do Senhor, um evento que imediatamente o tornaria poderoso, bem sucedido e famoso em todo o mundo. Levou alguns anos para descobrir que esse não era o modo de agir de Deus. Passou pela tristeza de negar Jesus três vezes,

traindo-O. Teve que chocar com a sua própria fraqueza. No entanto, no final, entendeu, porque nunca deixou de olhar Jesus. «O Senhor converteu Pedro - que O tinha negado três vezes - sem lhe dirigir sequer uma censura; só com um olhar de Amor.» [6]. Porque a vocação é, afinal de contas, um convite para olhar para Jesus, deixar-se olhar por Ele, compartilhar a Sua vida e tentar imitá-l'O. Até à entrega, cheia de amor, da própria vida.

O chamamento de Pedro tomou a sua forma final naquele dia, nas margens do Mar da Galileia, no seu encontro a sós com Jesus ressuscitado. Pode pedir-Lhe perdão ... lembrar-se do quanto O amava, com as suas poucas forças; e dizer-Lho novamente. O Mestre respondeu: «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21,17) e depois acrescentou: «Segue-me» (Jo 21,19). Com isso estava tudo dito, porque Pedro já tinha descoberto que seguir

o Senhor é amar até ao extremo, num maravilhoso caminho de entrega e serviço a todos: um caminho, não uma meta. O mesmo caminho que devemos percorrer todos os dias da nossa vida, pelas mãos de Jesus.

Uma vida plena

Pedro morreu mártir em Roma. A tradição situa o lugar do martírio, por crucificação, na colina do Vaticano. Quando soube a sentença, talvez tivesse revisto toda a sua vida. A sua juventude, o seu carácter forte e determinado, o seu trabalho no mar da Galileia. O encontro com Jesus e, a partir desse momento, quantas coisas formosas! Alegrias e sofrimentos, tantas pessoas que passaram pela sua vida. Tanto amor. Sim, a sua vida tinha mudado muito. E tinha valido a pena.

Ao conhecer Simão, junto ao rio Jordão, o Senhor não viu apenas um

homem já feito, com certas características. Viu nele Pedro: a Pedra sobre a qual iria edificar a Sua Igreja. Quando olhar para nós, vê todo o bem que vamos fazer na nossa vida. Vê os nossos talentos, o nosso mundo, a nossa história e oferece-nos a possibilidade de ajudá-l'O, a partir da nossa pequenez. Não nos pede que façamos coisas impossíveis, mas simplesmente que O sigamos.

Somos o que somos, nem mais nem menos, e esse modo de ser torna-nos aptos a seguir o Senhor e servi-l'O na Igreja. Pela Sua mão, somos chamados a encontrar a melhor maneira de fazê-lo. Cada um o que Deus tenha pensado para ele: "Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino; se outro tem o de exortar, que o use na

exortação; quem reparte, faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria."(*Rm* 12,6-8).

Pedro renunciou a ser aquele pescador de Betsaida tão seguro de si mesmo, e Deus pôde torná-lo assim mediador, com Cristo, entre a terra e o céu. A sua história foi repetida muitas vezes ao longo dos séculos. Até hoje. Os primeiros jovens que faziam parte do Opus Dei puseram os seus talentos nas mãos de Deus e deram um fruto que não poderiam ter imaginado. É o que S. Josemaria lhes assegurava: "Sonhai e ficareis aquém!" Ou, como o Papa disse aos jovens, no final de uma vigília de oração: "Que o Senhor abençoe os vossos sonhos" [7].

O chamamento de Jesus puxa pelo melhor de cada uma e de cada um, para colocá-lo ao serviço dos outros,

para levá-lo à plenitude. É o que vemos em Pedro. E nós, que descobrimos quanto Ele nos ama e que conta connosco, queremos estar também atentos ao Seu chamamento: hoje e todos os dias da nossa vida. E assim, quando nos encontrarmos com Ele, Ele nos dará «uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe» (Ap 2, 17): nós reconheceremos ... o nosso verdadeiro nome.

[1] Cf. *Sulco*, n. 290; *Amigos de Deus*, n. 206; «Amar o mundo apaixonadamente», em *Temas Atuais do Cristianismo*, nn. 113 ss.

[2] Francisco, *Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia*, 30-VII-2016.

[3] Bento XVI, *Audiência Geral*, 17-V-2006.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 936.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 32.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 964.

[7] Francisco, *Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia*, 30-VII-2016.

Lucas Buch

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/algo-grande-e-
que-seja-amor-iii-o-nosso-verdadeiro/](https://opusdei.org/pt-pt/article/algo-grande-e-que-seja-amor-iii-o-nosso-verdadeiro/)
(28/01/2026)